

Interesse pelo cinema brasileiro, 1º abr. 1962

Wladimir Herzog, Enviado especial
O Estado de S. Paulo, 1º abr. 1962

MAR DEL PLATA, março – Nada de novo no Festival. Com a mostra filmica já atingindo o seu final, o panorama geral das películas apresentadas oferece até o momento um saldo quase melancólico. Dos seis países que concorreram até a noite de sábado, apenas a Hungria apresentou algo interessante, embora a realização de Zoltan Fabri nada acrescenta à média da produção cinematográfica da órbita socialista. Após a decepção japonesa, da qual se esperava muito, e da decepção brasileira, os outros países – União Soviética, Polônia e Argentina – não ficaram muito atrás. Apresentaram filmes “bem feitos”, porém destituídos de uma maior significação no tocante ao enriquecimento ou renovação dos temas e meios expressivos.

Antes de entrarmos em pormenores sobre os filmes apresentados, cabe referir a chegada a Mar del Plata do diretor de *Mandacaru*, Nelson Pereira dos Santos, e do presidente do Geicine, sr. Flavio Tambelini. Este último deverá manter, entre outras atividades, contatos com elementos ligados à indústria cinematográfica argentina para ultimar os estudos relativos a um acordo de coprodução daquele país com o Brasil.

Este acordo parece-nos de suma importância dado o interesse revelado na Argentina pelas coisas do nosso cinema. Este interesse manifesta-se de modo peculiar que mostra seu grau de autenticidade: quando, por exemplo, terminou a projeção de *Mandacaru*, o público, apesar de decepcionado – e não era para menos – procurou os integrantes da delegação brasileira dos quais desejava saber por que tal filme foi mandado, pois sabiam que melhores películas foram produzidas. As próprias críticas à fita eram feitas racionalmente, numa demonstração em que existia uma tentativa de compreensão de elementos do filme transcendentais ao seu preparo artesanal. E, mais que tudo, o interesse dos representantes de cineclubes, associações de classe e outras que procuram seguidamente os membros da delegação brasileira pedindo-lhes informações e material ilustrativo. Algumas películas que tiveram no passado aceitação favorável em território argentino abriram seguramente para a cinematografia brasileira um terreno e um mercado fecundo no solo portenho. Resta-nos mandar boas fitas.

União Soviética

Mulheres, de Yuri Tchuliukin, um diretor de 31 anos, foi a película com que a União Soviética concorreu ao Festival. Para tela larga e em preto e branco, o filme é ambientado na desolada paisagem da “taiga” siberiana, entre um grupo de lenhadores. Desenvolve uma história de amor entre Torya Nadezhda Rumiantseva e o solteiro ambicionado da aldeia, Ilya (Nicolay Rybnikov), que tem fama de sedutor inescrupuloso. Através de uma série de incidentes mais ou menos pitorescos, o jovem abandona seu donjuanismo, conquistado pela virtuosa Torya. Uma comédia

leve, admiravelmente bem dirigida no seu gênero, denotando uma utilização particularmente inteligente do cinematógrafo russo, servido por uma fotografia quase preciosa de Timofey Lebeshev, talvez um dos possíveis premiados no Festival.

Sem grandes voos estilísticos, *Mulheres* parece levar o cinema soviético por algumas das trilhas percorridas pelo cinema americano dos tempos gloriosos de Frank Capra. Retrocesso? Não sabemos até que ponto. O tratamento humano dado às situações e ao desenho dos personagens é talvez o único elemento que distingue a comédia soviética das suas congêneres ocidentais. Um lirismo terra a terra que transparece das relações amorosas do par russo, sua aparente ingenuidade, própria ao caráter eslavo das relações, e um amor apaixonado pela “virtude burguesa”, dão um cunho especial a estes contos de amor, cujo acontecer se dá num clima de inteira jovialidade, que não esconde seus propósitos de orientação educacional. Filmes como *Mulheres* lembram-nos a cada instante películas de curta e longa metragem, às quais tanto se dá estímulo na União Soviética, destinadas ao entretenimento e formação moral e intelectual das novas gerações, daquelas que tivemos oportunidade de ver na retrospectiva da VI Bienal *Tchouk e Guek* etc. O russo não se satisfaz nem se limita a contar uma história de amor “bem bolada”. É preciso que o espectador aprenda alguma coisa além de divertir-se. Os ensinamentos aparecem aqui e ali, dissolvidos nos diálogos, implícitos nas transformações dramáticas dos personagens.

Nadezhda Rumiantseva, loira de 1,55 metro de altura, colheu entusiásticos aplausos no acender das luzes em Mar del Plata. Sua personificação de Torya leva-nos de imediato a uma comparação com Giulietta Masina, sendo possível que ela venha a tornar-se uma espécie de Gelsomina das estepes. A comparação, resultante de certos dotes mímicos da atriz, leva-nos, entretanto, a concluir que ainda é cedo para sabermos se se trata de uma interpretação decalcada no modelo italiano. Tal como aconteceu com Giulietta, somente as futuras fitas de Nadezhda dirão se ela se fixará neste tipo ou se é uma atriz completa. Pela reação do público e se não tivermos surpresas nos filmes que serão ainda apresentados, é um dos prêmios seguros para interpretação feminina.

Estas coisas referimo-las porque estão nas entrelinhas do filme. *Mulheres*, todavia, por limitar-se justamente a sugerir tais preocupações, é uma fita falha, dado que o seu realizador preferiu ocupar-se com bastante habilidade, diga-se em seu favor, com a movimentação exterior dos incidentes, com alguns *gags* que, embora não sejam absolutamente de mau gosto, pelo contrário até criam uma atmosfera de comédia de costumes, aquilo que, por proposição, deveria ser uma moralidade. Não defendemos nem uma nem outra. Criticamos unicamente a indecisão entre as duas posições, indecisão que resultou num espetáculo bem construído mas inconsequente.

Polónia

Baseado no romance *Luzes sobre Bieszczady*, de Jean Gerhard, este *Fulgor nas montanhas*, realização polonesa de Ewa e Czeslaw Petelski, desenrola-se no imediato após-guerra, quando das lutas entre os guerrilheiros nazifascistas sobreviventes e os comunistas. Com o mesmo tema, Andrzej Wajda fez o seu famoso *Cinzas e diamantes* há poucos anos. Sem a vitalidade de Wajda, porém também sem os seus excessos, o casal Petelski fez uma fita regular. Seu principal defeito,

a nosso ver, é a excessiva dialogação e ritmo teatral na primeira metade do filme. Além disso, parece que os poloneses se comprazem com o escatológico (Wajda já deu demonstrações cabais disso em *Canal* e em *Cinzas e diamantes*). Não se perde oportunidade de mostrar em seqüências sem função no contexto, cenas de crueldade refinada ou mesmo de crueldade não refinada. O problema do conflito entre as duas facções de guerrilheiros reduz-se ao dualismo entre torturadores e torturados. O herói da fita, Wieslaw Golas, vai recebendo pancada do começo ao fim da história: é pendurado no teto, pelos pés; é seviciado, quase morre decapitado após ver quatro de seus companheiros porem a cabeça no cepo e, finalmente, morre metralhado.

Presente ao Festival, encontrava-se a atriz Zofia Slaborowska, que faz um pequeno papel no filme, colhendo os habituais aplausos do público.

HERZOG, Vladimir. “Interesse pelo cinema brasileiro”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º abr. 1962, p. 15, c. 1.